

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

LUCCA FERNANDES BARROSO

**A ARTE E A FILOSOFIA ENQUANTO DIMENSÕES CRIATIVAS DO
PENSAMENTO: CONSIDERAÇÕES DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI
NA OBRA *O QUE É A FILOSOFIA?***

UBERLÂNDIA

2023

LUCCA FERNANDES BARROSO

**A ARTE E A FILOSOFIA ENQUANTO DIMENSÕES CRIATIVAS DO
PENSAMENTO: CONSIDERAÇÕES DE GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI
NA OBRA *O QUE É A FILOSOFIA?***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para
a obtenção de título Bacharel em Filosofia pela
Universidade Federal de Uberlândia sob a
orientação do Prof. Dr. Humberto Aparecido de
Oliveira Guido

UBERLÂNDIA

2023

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1	6
1.1 A Imagem dogmática do pensamento e a nova imagem do pensamento	6
1.2 O signo.....	8
1.3 A filosofia enquanto criação de conceitos	9
1.4 O caos e o plano de imanência	11
1.5 Os conceitos	13
1.6 Os personagens conceituais.....	18
CAPÍTULO 2	20
2.1 Outras formas de produção de pensamento	20
2.2. Caóides, filhas do caos	21
2.3. Ecos, deslizos, desvios e ressonâncias.....	23
CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a ideia da gente não dá para se entender— e acho que é por isso que a gente morre.

Riobaldo/Rosa

INTRODUÇÃO

Assim como afirmado por Catarina Pombo Nabais, na obra *O que é a Filosofia?*, livro crepuscular, escrito à meia noite, no silêncio, quando se está velho e nada mais resta a perguntar, Gilles Deleuze e Félix Guattari propõem uma tese inaugural. A tese em questão, diz a autora, refere-se ao modo com o qual os filósofos franceses lidam com a ciência, a arte e a filosofia, uma vez que consideram tais saberes como três formas de produção de pensamento, ou, mais precisamente, três dimensões criativas do pensamento. Na concepção de Deleuze — nas obras próprias e naquelas em parceria com Félix Guattari — as disciplinas supracitadas são atividades criadoras na medida em que engendram aquilo que lhe é próprio: “[...] o verdadeiro objeto da ciência é criar funções, o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia, criar conceitos”¹.

Nesse Trabalho de Conclusão de Curso, investigamos, especialmente, a filosofia e a arte enquanto produções de pensamentos, as quais não configuram um primado de reflexão uma sob a outra. No primeiro capítulo, nos detivemos em examinar as particularidades do pensamento filosófico segundo as considerações de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Discorremos sobre os, por assim dizer, diversos momentos do fazer filosófico, a saber, (i) criação de conceitos, (ii) instauração de um plano de imanência e (iii) invenção de personagens conceituais. Já no segundo capítulo, nos detivemos em indicar o modo no qual o pensamento artístico se faz também enquanto uma dimensão criativa do pensamento na medida em que enfrenta o caos. Por outro lado, elucidamos o que talvez venha a ser uma das grandes contribuições da obra escrita a quatro mãos por Deleuze e Guattari: os ecos, deslizos, desvios, interferências e sínteses disjuntivas entre as formas de produção de pensamento, fazendo assim com que a arte, a ciência

¹ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart.- São Paulo: Editora 34, 2013b, p.158.

e a filosofia, por mais que tenham suas especificidades quanto ao modo e objeto de criação, acabam por intercruzar aquilo que lhes é próprio.

CAPÍTULO 1

1.1 A Imagem dogmática do pensamento e a nova imagem do pensamento

É certo que Deleuze, em seu projeto filosófico, rompe com a tradição hegemônica racionalista da filosofia a partir do momento em que dispensa a filosofia enquanto aquela que rumo em direção à verdade. Nesse movimento, o filósofo francês está denunciando aquilo que veio a chamar de imagem dogmática do pensamento. Na concepção de Sousa Dias, a relação entre verdade e filosofia no interior do pensamento de Deleuze se dá nos seguintes termos:

A imagem clássica subordina a criação conceptual às condições de verdade (de uma verdade universal e indeterminada), identifica essa criação e a produção de proposições verdadeiras ou verossímeis, ou seja, proposicionaliza o conceito, estipula um vínculo decisivo entre o conceito e a verdade, entre o conceito e a lógica. Por outro lado, ao ligar o pensamento a uma abstracta vontade geral de verdade, essa imagem impede-se de fundá-lo nas vontades concretas que o motivam, ou melhor, nas paixões concretas que o forçam a pensar, que arrancam o pensamento da sua inércia natural e o sujeito de sua má-vontade, da sua vontade de não pensar²

A imagem dogmática do pensamento ou imagem clássica do pensamento, segundo Deleuze, pode ser compreendida em três teses fundamentais, assim como exposto na obra *Nietzsche e a Filosofia*. A primeira tese diz respeito ao amor pelo verdadeiro; isto é, o filósofo seria aquele que, por uma capacidade inata, amaria e buscaria o verdadeiro. Deste modo, na imagem dogmática do pensamento, o ato de pensar é entendido como “[...] o exercício natural de uma faculdade, que basta então pensar verdadeiramente para pensar com verdade”³.

A segunda tese da imagem dogmática do pensamento elucidada que o pensador, que quer e ama o verdadeiro, pode ser desviado da verdade por conta dos afetos, paixões, em suma, por conta de forças que seriam avessas ao pensamento; nesse sentido, através das forças externas ao pensamento, o filósofo cairia no erro de tomar o falso pelo verdadeiro. A terceira tese, por

² DIAS, Sousa. *Lógica do Acontecimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p. 53

³ DELEUZE, GILLES. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa, Ovídio de Abreu. – São Paulo: n-1 edições, 2018, p.133

sua vez, é aquela que elucida que há um método para pensar verdadeiramente. Bastaria, então, estar atrelado a um método para que o filósofo não tomasse o falso pelo verdadeiro, ou seja, bastaria estar atrelado a um método para que o filósofo não desviasse da verdade por conta de forças que são antagônicas ao pensamento. Nas palavras de Deleuze “[...] a busca da verdade seria a coisa mais natural e mais fácil possível; bastaria uma decisão e um método capaz de vencer as influências exteriores que desviam o pensamento de sua vocação e fazem com que ele tome o falso por verdadeiro”⁴.

Na crítica à imagem dogmática do pensamento, o que está em jogo para Deleuze é indicar o modo no qual a criação foi apartada do pensar. Assim, pensar não estaria vinculado à criação, uma vez que pensar seria pensar com verdade, pensar verdadeiramente: “O mais curioso nessa imagem do pensamento é a maneira pela qual o verdadeiro é concebido como universal abstrato. Nunca se faz referência a forças reais que criam o pensamento⁵.” A partir disso, por intermédio de Nietzsche, Deleuze se dá conta de que “não há verdade que, antes de ser uma verdade, não seja a efetuação de um sentido ou a realização de um valor. A verdade como conceito é totalmente indeterminada. Tudo depende do valor e do sentido do que pensamos.”⁶

A partir da sua denúncia da imagem dogmática do pensamento, Deleuze está, concomitantemente, dando luz à sua “nova imagem do pensamento”. Aqui, podemos sublinhar uma importante noção no interior do pensamento deleuziano: para o filósofo francês, criar é sinônimo de pensar. Pensamento é criação, criação é pensamento. No limite, a criação é um atributo vital do pensar. Isso ocorre, pois, na contramão da imagem dogmática do pensamento, Deleuze concebe que “o ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio

⁴ DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Editora 34, 2022, p.91

⁵ DELEUZE, GILLES. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa, Ovídio de Abreu. – São Paulo: n-1 edições, 2018b, p. 134

⁶ Ibid, p. 134

pensamento”⁷. Nesse sentido, Deleuze se valeu do caráter inventivo das artes, a saber, cinema, pintura e, principalmente, da literatura para compor a sua imagem do pensamento, isto é, para compor aquilo que “significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento”⁸. O filósofo francês estabelece, então, que a filosofia não é uma busca pela verdade e que pensar não é o exercício natural de uma faculdade. Para Deleuze, o traço definitivo da Filosofia faz na criação de conceitos; e o ato do pensamento está necessariamente atrelado a uma violência que o arromba, que o coage, que o violenta a pensar: “liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou tentar fazê-lo num combate incerto”⁹. Em suma, o pensamento está permanentemente em tensão com o signo.

1.2 O signo

No pensamento deleuziano, o conceito de signo surge a partir do momento em que Deleuze se debruça sob a obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, e, assim, elabora seu estudo *Proust e os signos*. Em tal estudo, Deleuze procura indicar que a obra prima de Proust não diz respeito a um exercício de memória, mas diz respeito à aprendizagem de signos, uma vez que “os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é, antes de tudo, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados”¹⁰.

Em linhas gerais, o signo diz respeito a uma violência exterior que move o pensamento, isto é, aquilo que faz o pensamento pensar, uma vez que, ao romper com a imagem dogmática do pensamento, na concepção deleuziana a capacidade de pensar não é inata, “pensar nunca é o

⁷ Ibid, p.93

⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p. 47.

⁹ Ibid, p. 222.

¹⁰ DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Editora 34, 2022, p.12

exercício natural de uma faculdade”¹¹; pensar, então, está condicionado à uma violência, a um encontro, “pois é o signo que é objeto de um encontro e é ele que exerce sobre nós a violência. O acaso do encontro é que garante a necessidade daquilo que é pensado”¹². Ao dizer que o pensamento é fruto de uma violência que o coage, Deleuze está dando indícios que o pensamento filosófico necessita de um pensamento não-filosófico.

1.3 A filosofia enquanto criação de conceitos

Na obra *O que é a Filosofia?*, Deleuze e Guattari questionam-se, assim como sugerido pelo próprio título da obra, no que consiste a atividade filosófica. Os autores consideram que o fazer filosófico não está e nem pode ser reduzido a um mero reproduzir e repensar os filósofos precedentes. Os autores indicam aquilo que a Filosofia tem de mais característico e, para tanto, lançam a indagação: “[...] E qual é a melhor maneira de seguir os grandes filósofos, repetir o que eles disseram, ou então fazer o que eles fizeram, isto é, criar conceitos para problemas que mudam necessariamente?”¹³

Assim como explicitado na citação acima, o que define a filosofia é, em um primeiro momento, a criação de conceitos. Contudo, a criação de conceitos é uma atividade que ocorre em função de problemas filosóficos:

Todo conceito é criado a partir de problemas. Ou problemas novos (mas como é difícil encontrar problemas novos em filosofia!) ou problemas que o filósofo considera que foram mal colocados; de toda forma, um problema deve ser posto pelo filósofo, para que conceitos possam ser criados. Um conceito nunca é criado do nada.¹⁴

¹¹ DELEUZE, GILLES. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa, Ovidio de Abreu. – São Paulo: n-1 edições, 2018b, p.138-9.

¹² DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Editora 34, 2022, p. 22.

¹³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p. 37.

¹⁴ GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003 , p.47.

Podemos considerar que a formulação de problemas se faz, por assim dizer, enquanto o primeiro ato do pensamento. Tendo sido levantado um problema filosófico, os conceitos serão criados com o intuito de levá-lo às últimas consequências, pois, para Deleuze e Guattari, resolver os problemas não é papel da filosofia; o papel da filosofia é, por outro lado, desenrolar o problema, levá-lo às últimas consequências. Isto é, o papel da filosofia é extrair do problema filosófico tudo aquilo que ele puder oferecer, tal como nos assegura Sousa Dias:

Em filosofia como em ciência (e na arte), pensar é criar e criar é problematizar, mas problematizar não significa responder a uma questão, mas determinar e coadaptar os dados e as incógnitas do problema, desenvolver o mais completamente possível esses elementos em vias de determinação, encontrar os casos de solução correspondentes a esse desenvolvimento.¹⁵

Na tradição hegemônica filosófica, limitada à história da filosofia, os problemas filosóficos perguntam pela essência de algo se valendo da questão “o que é?”. “O que é o belo? O que é o verdadeiro?”. A partir disso, podemos destacar duas noções que dizem respeito aos problemas filosóficos ao longo da tradição filosófica. A primeira delas, a saber, diz respeito ao problema enquanto universal; isto é, o problema filosófico escondido por detrás de uma transcendência; ao passo que a segunda noção diz respeito ao problema filosófico enquanto problema temporal, que varia de época a época.

Os problemas filosóficos não são universais e tampouco são conjunturais. Os problemas filosóficos, segundo Deleuze e Guattari, são extemporâneos, intempestivos: os problemas filosóficos estão fora da temporalidade, pois obedecem ao seu próprio tempo: o tempo das determinações caóticas. Aqui, por intermédio do termo “caóticas”, chegamos a um ponto fundamental na concepção de filosofia segundo os olhares de Deleuze e Guattari: a filosofia executa um enfrentamento ao caos. Ao enfrentar o caos, a filosofia traçará um plano de imanência e, assim, formará um problema filosófico.

¹⁵ DIAS, Sousa. *Lógica do Acontecimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p. 79

Até então, temos os seguintes elementos que competem ao fazer filosófico: enfrentar o caos, formular um problema, criar conceitos e traçar um plano de imanência. Há, contudo, um outro elemento que irá intervir e operar entre o plano de imanência e a criação de conceitos: os personagens conceituais. Iremos, agora, explicitar cada um dos elementos acima citados.

1.4 O caos e o plano de imanência

Deleuze e Guattari expõem que a caracterização do caos é mais a velocidade infinita do que a ausência de determinações; são velocidades infinitas que desfazem todas as consistências, que não permitem estabelecer relações entre as determinações. Os movimentos infinitos são dobras voltadas sobre si mesmas na medida em que avançam. O que vem a definir os movimentos infinitos, então, é uma ida e volta, um movimento duplo, sempre em duas direções; no limite, os movimentos infinitos são o que cabe por direito ao pensamento. Nas palavras dos autores:

O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam: não é um movimento de uma à outra mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra já tenha desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço¹⁶.

Assim, a filosofia vem a ser um modo, uma tentativa de dar consistência ao caos: “O caos caotiza, e desfaz no infinito toda consistência. O problema da filosofia é de adquirir uma consistência, sem perder o infinito no qual o pensamento mergulha”¹⁷. A partir dessa definição do caos oferecida por Deleuze e Guattari, Catarina Pombo Nabais afirma que “Deleuze e

¹⁶ Ibid, p.53

¹⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p.53

Guattari definem o caos como um virtual que, enquanto velocidade absoluta, é nascimento e esvaziamento de todas as formas possíveis”¹⁸

Dar consistência no caos é algo que ocorre a partir do momento em que se traça um plano de imanência. Dito de outro modo, traçar um plano de imanência é uma tentativa de dar consistência ao caos. Por isso, o plano de imanência vem a ser aquilo que mais se aproxima do caos sem nele cair; o plano de imanência é um corte no caos, um *crête* das determinantes do caos, isto é, um apanhado de pontos colhidos por e sobre um plano. O plano de imanência, então, é um plano de seleção, um recorte; um espaço finito no qual preserva os movimentos infinitos do caos.

O plano de imanência é como que o terreno, o solo no qual erige a filosofia, um território a ser atingido por desterritorialização, a terra por vir, a ser povoada pelo povo da filosofia, “o território e a terra, com duas zonas de indiscernibilidade, a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território)”¹⁹. No limite, o plano de imanência é a condição interna da filosofia. Ao dar luz à uma filosofia, cada filósofo cria seu próprio plano de imanência, e, assim, cria também sua própria imagem do pensamento. Segundo Deleuze e Guattari, os primeiros filósofos seriam aqueles que traçaram um plano de imanência e, portanto, buscaram dar consistência ao caos.

São muitos os planos de imanência uma vez que nenhum único plano daria conta de abarcar todas as determinações caóticas; isso culminaria no oposto da consistência, pois haveria a recaída ao caos. Então, não se pode considerar que há um único plano de imanência no qual todas as filosofias encontrariam seu solo. É possível sim que mais de um filósofo se valha de um mesmo plano de imanência. O “plano” do plano de imanência não tem nenhuma relação com o plano euclidiano. O plano de imanência é um folhado, um mil folhas; isto é, devemos

¹⁸ NABAIS, Catarina Pombo. *O pensamento como criação: Filosofia, Arte e Ciência. O desafio de Deleuze e Guattari*. Revista Portuguesa de Filosofia. Braga. Vol. 75. Fasc.4. p.2535-2558. 2019

¹⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p. 113.

pensar o plano de imanência em termos de volume. Deste modo, há uma coexistência de planos de imanência, que ora podem se reunir, ora podem se separar, pois o plano de imanência não diz respeito a uma linha temporal, cronológica.

O plano de imanência compõe o estágio pré-filosófico, que, aqui, pode ser entendido como um não-filosófico. Ao dizermos que o plano de imanência é pré-filosófico, não estaríamos dizendo que o plano de imanência é anterior a filosofia— e, deste modo, anterior à criação de conceitos—, pois, como já afirmando, o plano de imanência nada tem de temporal ou cronológico. Ora, sabemos que o plano de imanência é a condição interna da filosofia, o que poderia nos levar a considerar que o plano de imanência seria, por força da expressão, o primeiro passo da filosofia.

O conceito pressupõe o plano de imanência, e ambos são criados juntos, ao mesmo tempo; do mesmo modo que a seguinte imagem: a condição de pai e filho se dão concomitantemente, ainda que a existência do filho pressuponha a existência do pai. Contudo, o pai só vem a ser pai a partir do momento em que há um filho, ou seja, o filho pressupõe o pai, mas pai e filho acontecem ao mesmo tempo. Sobre a questão de o conceito pressupor o plano de imanência ainda que seja instalado concomitantemente a ele, Regina Schopke faz a seguinte afirmação:

Segundo Deleuze e Guattari, o plano de imanência — ainda que faça parte de um mesmo movimento de criação do pensador— é anterior à invenção dos conceitos. Num sentido mais preciso, ele é a condição de emergência dos conceitos. Ele é o pano de fundo, é uma espécie de deserto que os conceitos vêm povoar.²⁰

É assim que a instauração de um plano de imanência, a criação de um conceito e a formulação de um problema filosófico são etapas que ocorrem concomitantemente. No que diz respeito à filosofia, não há, portanto, qualquer sucessão ou linha temporal.

²⁰ SCHOPKE, REGINA. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 185

1.5 Os conceitos

Considerando que a atividade filosófica consiste em criar conceitos, o que viria a ser um conceito? À primeira vista, Deleuze e Guattari assinalam que um conceito diz respeito à uma multiplicidade ao passo que é um todo fragmentário. Ao dizerem que o conceito é uma multiplicidade, os filósofos estão afirmando que um conceito não é feito de um só componente; o conceito o é, por sua vez, feito de vários componentes, componentes esses que podem também serem tomados como conceitos.

Para explicitar a questão da multiplicidade dos conceitos, nos valeremos aqui do mesmo exemplo utilizado pelos filósofos franceses: o conceito de *cogito*. O cogito é um conceito compostos dos seguintes elementos: duvidar, pensar e ser. Deste modo, “[...] O enunciado total do conceito, enquanto multiplicidade, é: eu penso ‘logo’ eu sou; ou, mais completamente: eu que duvido, eu penso, eu sou, eu sou uma coisa que pensa”²¹. Cada um desses elementos que compõe o conceito de cogito, a saber, duvidar, pensar e ser podem eles mesmos serem tomados enquanto conceitos; destarte, cada um desses conceitos seria composto por outros elementos.

A compreensão da questão de o conceito ser um todo fragmentário, ou seja, o fato de o conceito reter somente algumas variabilidades caóticas, introduz aquilo que Deleuze e Guattari chamam de “conceito do conceito” ou “natureza do conceito”. A natureza do conceito diz respeito a uma geografia própria dos conceitos; um diagrama, um agenciamento, isto é, uma determinada maneira de organizar, acoplar, compor as coisas.

O primeiro momento da natureza do conceito se dá no fato de um conceito remeter a outros conceitos, que, como apontam os autores, pode ocorrer levando em consideração sua história ou seu devir, tal como aponta Roberto Machado:

²¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p.33

O que Deleuze chama de devir do conceito é essa conexão tanto de elementos de um conceito quanto dos diferentes conceitos em um mesmo sistema conceitual; é o fato de que os conceitos se coordenam, se conectam, se compõe, se aliam em uma determinada filosofia, mesmo que tenham histórias diferentes. Assim, ele distingue devir e história de um conceito.²²

Um conceito remeteria a um outro conceito levando em consideração sua história a partir do momento em que um filósofo se valesse de um conceito já existente para lidar com um outro problema filosófico, tal como Kant se valeu do cogito cartesiano para responder a um outro problema, adicionando ao cogito cartesiano o componente “tempo”. Ao mudar um componente do conceito, todo o restante também muda, pois um conceito é uma variação: uma repetição que gera uma diferença, ou, mais precisamente, um movimento que, ao mover-se, transforma sua natureza.

Por outro lado, um conceito remeteria a um outro conceito considerando seu devir pelo fato de os conceitos estarem em zonas de vizinhança ou indiscernibilidade com outros conceitos. Com “zona de vizinhança ou indiscernibilidade”, podemos compreender certo momento no qual, considerando determinado componente conceitual, não poderíamos delimitar se tal componente compete a esse ou aquele conceito:

Os componentes permanecem distintos, mas algo passa de um a outro, algo de indecível entre os dois: há um domínio ab que pertence tanto a a quando a b , em que a e b ‘se tornam’ indiscerníveis. São estas zonas, limites ou devires, esta inseparabilidade, que definem a consistência interior do conceito.²³

Um segundo momento da natureza do conceito reside no fato do conceito tornar inseparáveis seus componentes. Ainda que os componentes sejam distintos e heterogêneos, eles serão, todavia, não-separáveis; isso é próprio da consistência interna do conceito, isto é, sua endoconsistência. O conceito, então, é um todo fragmentário. É ‘todo’ uma vez que totaliza

²² MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*.- Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.16-17

²³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p.28

seus componentes ao passo que é ‘fragmentário’ pois retém apenas algumas variabilidades caóticas.

Já num terceiro momento, o conceito é um ponto de acúmulo ou condensação de seus componentes; mesmo que um conceito diga respeito a movimentos de velocidades infinitas, o que assegura a condensação dos componentes dele é o que Deleuze Guattari chamam de *sobrevôo*: “o conceito está em estado de sobrevoo com relação a seus componentes”²⁴. Para explicitar o estado de sobrevôo de um conceito, recorreremos a imagem de um acorde: se um acorde for uma tétrade, ele será composto de quatro notas; contudo, ao escutarmos determinada tétrade, não ouviremos nota por nota, mas sim a totalidade do acorde, sua condensação. O mesmo ocorre com os conceitos: a totalização dos componentes de um conceito não se dá por soma, amálgama e tampouco se dá por montagem, tal qual um quebra-cabeça. A totalização dos componentes de um conceito se dá por ubiquidade, por co-presença. O estado de sobrevôo, portanto, é ubíquo: um panorama global que totaliza determinado campo. Há, ainda, um ponto fundamental que concerne ao conceito. Na contramão da tradição hegemônica da Filosofia, a qual um conceito dizia a essência de algo, para Deleuze e Guattari o conceito dirá o acontecimento:

A filosofia sempre se ocupou de conceitos, fazer filosofia é tentar inventar ou criar conceitos. Ocorre que os conceitos têm vários aspectos possíveis. Por muito tempo eles foram usados para determinar o que uma coisa é (essência). Nós, ao contrário, nos interessamos pelas circunstâncias de alguma coisa: em que casos, onde e quando, como etc.? Para nós, o conceito deve dizer o acontecimento, e não mais a essência.²⁵

Deste modo, “O conceito é um incorporal, embora se encarne e se efetue nos corpos”.²⁶

Deleuze encontrou na filosofia estoica a noção de acontecimento. Segundo os estoicos, o real

²⁴ Ibid, p.29

²⁵ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013, p.37

²⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p.29

era composto do que eles chamavam de “corpos” e “incorporais”. Os corpos dizem respeito ao estado de coisas, ao presente: uma sucessão de instantes. No presente, os encontros entre corpos produzem o estado de coisas; ao se encontrarem, ao se afetarem, os corpos estão em causação. É a causação que define um corpo e, nesse sentido, os corpos não podem ser reduzidos ao material; assim, são corpos tudo aquilo que pode sofrer ou executar uma ação. Se os corpos estão em estado de causação uns com os outros, surge um efeito: o incorporal.

Os incorporais são puro devir; não dizem respeito a um estado de coisas, pois não são estanques; eles são, em contrapartida, puro movimento. Os incorporais não existem: eles insistem. Assim, os incorporais são aquilo que permanecem, que insistem no tempo aiônico, isto é, é aquilo que insiste no tempo que se divide infinitamente no passado e no futuro e nunca é presente: o tempo do acontecimento.

Ao dizermos que os incorporais insistem, estamos dizendo que os incorporais continuam mesmo quando seu instante mesmo não mais está, mesmo quando os corpos já não estão. Podemos, nesse horizonte, dizer que o acontecimento é aquilo que passou e o que vai passar, mas nunca é aquilo que se passa. Em relação à insistência do acontecimento, Sousa Dias elucidada:

Certo: falando com propriedade, um acontecimento não existe fora das suas efectuações. Mas também não se esgota nelas, não está apenas no seu existir actual. Ele subsiste fora dessa existência sensível, não como uma noção geral, simplesmente inteligível, mas como uma singularidade real estritamente virtual. O acontecimento é virtual, melhor, é o virtual.²⁷

Os acontecimentos efetuam-se nos corpos, em um determinado momento; no entanto, a linguagem não é suficiente para exprimir aquilo que insiste. Nesse sentido, o acontecimento não pode ser designado, significado ou manifestado. Há uma outra dimensão da proposição: o sentido. Nesse caso, o sentido vem a ser aquilo que estabelece uma relação entre a palavra e as coisas. O acontecimento, sendo um incorporal, deve ser pensado fora da representação; e é por

²⁷ DIAS, Sousa. *Lógica do Acontecimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p.89.

isso que ele é conceito, ou, mais precisamente, é por isso que o conceito recorta o acontecimento, depura os acontecimentos em conceitos. Então, assim como explicitado por Silvio Gallo, “[...] podemos definir o conceito, na visão dos filósofos franceses, como sendo uma aventura do pensamento que institui um acontecimento, vários acontecimentos, que permita um ponto de visada sobre o mundo, sobre o vivido.”²⁸

1.6 Os personagens conceituais

Se o conceito pressupõe o plano de imanência, que é pré-filosófico, pois preexiste ao conceito, há, portanto, duas esferas da filosofia, a saber, conceito e plano de imanência. Há, contudo, uma terceira esfera, aquela que torna filosófico o pré-filosófico: os personagens conceituais.

Os personagens conceituais são como que uma ponte entre o plano de imanência e o conceito. Eles podem ser explícitos, como é o caso do Dioniso e Zaratustra de Nietzsche, ou podem ser implícitos, como é o caso do Idiota de Descartes. Nesse sentido, os personagens conceituais são compreendidos como operadores e interventores, pois operam no plano de imanência e intervêm na criação de conceitos. Assim, no fazer filosófico, os personagens conceituais são responsáveis por duas ações: a primeira, como operador, uma vez que eles mergulham no caos e de lá retiram as variabilidades caóticas; e, na segunda vez, agem como interventores na medida em que intervêm na criação de conceitos. Nas palavras dos autores, os personagens conceituais “descrevem o plano de imanência do autor, e intervêm na própria criação de seus conceitos”.²⁹

²⁸ GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 45

²⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p.78.

Novamente nos deparamos com o estágio pré-filosófico do plano de composição, no qual o personagem encontra o conceito, Sócrates e a ideia de Bem em Platão, o gênio maligno e o cogito em Descartes. O filósofo é o pseudônimo dos seus personagens conceituais, ao passo que os personagens conceituais são heterônimos de seus respectivos filósofos:

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os heterônimos dos filósofos, e o nome do filósofo, os simples pseudônimo de seus personagens.³⁰

Por outro lado, Deleuze e Guattari identificam dois tipos de personagens conceituais. O primeiro deles vem a ser os simpáticos: aqueles personagens conceituais que apresenta os interesses do filósofo; ao passo que o segundo tipo de personagem conceitual, a saber, o antipático, diz respeito àquele que apresenta os enfrentamentos os quais o filósofo terá de lidar. Em certo sentido, os personagens conceituais são como que os devires-outros dos filósofos. É nesse horizonte no qual Sousa Dias, em relação aos personagens conceituais, afirma que “são eles, e não o pensador como sujeito empírico, os verdadeiros criadores dos conceitos, os verdadeiros sujeitos do pensamento”³¹.

³⁰ Ibid, p.78.

³¹ DIAS, Sousa. *Lógica do Acontecimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p. 63

CAPÍTULO 2

2.1 Outras formas de produção de pensamento

A criação não é uma atividade exclusiva da filosofia. Se criar é sinônimo de pensar, cada disciplina pensa e, por conseguinte, cria a seu modo. Como já vimos, a filosofia se ocupa de, em um plano de imanência, criar conceitos através de personagens conceituais. A ciência, em um plano de organização, cria funções por meio de observadores parciais. A arte, por sua vez, é aquela que cria, através de figuras estéticas, perceptos e afectos em um plano de composição. Nota-se, assim, que a ciência, a arte e a filosofia têm suas especificidades que dizem respeito às suas criações próprias.

No que diz respeito especificamente ao modo criativo da arte³², cabe assinalar que, no interior do pensamento deleuzo-guattariano, perceptos e afectos não podem ser confundidos com percepções e afecções; ou seja, tratando-se de arte, seja a literatura, a pintura ou o cinema, o que está em jogo para os autores não é “[...] qualquer sentimento vivido pelo indivíduo (afecção)”³³, tampouco é o “estado daqueles que as experimentam (percepção)”³⁴. Em relação a uma obra de arte e sua forma específica de produzir pensamento, Deleuze define que “os *perceptos* não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os *afectos* não são sentimentos, os perceptos ainda não são percepções distintas; afectos e perceptos são, antes, universos incorporais que sustentam todos os universos de referência, são os perceptos e os afectos que dão expressão aos signos e os tornam

³² Nesta pesquisa não temos o objetivo de dissertar sobre o modo pelo qual pensa a Ciência. Aqui, portanto, pretendemos nos limitar naquilo que diz respeito à relação entre Filosofia e Arte.

³³ PACHECO, Fernando Torres. *Personagens conceituais: Filosofia e Arte em Deleuze*. Belo Horizonte: Relicário, 2013, p.57.

³⁴ *Ibid*, p.57.

impossíveis de serem interpretados, porque “são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro)”³⁵.

2.2. Caóides, filhas do caos

Se a arte e a ciência são também dimensões criativas do pensamento, elas o são por conta de, assim como a filosofia, executarem um enfrentamento ao caos. Assim, o pensamento é resultado de uma relação com o caos, ou seja, pensar é uma tentativa de dar consistência ao caos, e cada saber, além da filosofia, faz isso a seu modo: “o que define o pensamento, as três grandes formas do pensamento, a arte, a ciência e a filosofia, é sempre enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos”³⁶. Nesse enfrentamento ao caos, a filosofia lá mergulha e sai com variações; a ciência, ao mergulhar no caos, retira variáveis; a arte, por sua vez, enfrenta o caos e desse enfrentamento ela sai com variedades. Nesse sentido, cada disciplina criadora tem seu modo próprio de enfrentar o caos e, a partir disso, criar seus objetos próprios.

A partir disso, Deleuze e Guattari elucidam que arte, ciência e filosofia são caóides, filhas do caos: “o caos tem três filhas segundo o plano que o recorta: são as Caóides, a arte, a ciência e a filosofia, como formas do pensamento ou da criação. Chamam-se caóides as realidades produzidas em planos que recortas o caos”³⁷. Deleuze e Guattari conceituam por “cérebro” não a unidade, mas a junção das três filhas do caos, por isso “A filosofia, a arte, a ciência não são os objetos mentais de um cérebro objetivado, mas os três aspectos sob os quais o cérebro se torna sujeito, Pensamento-cérebro, os três planos, as jangadas com as quais ele

³⁵ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart.- São Paulo: Editora 34, 2013b, p.175.

³⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p.233.

³⁷ Ibid, p.245.

mergulha no caos e o enfrenta”³⁸. Sobre a teoria do cérebro em Deleuze e Guattari, Sousa Dias faz o seguinte comentário:

Arte, ciência e filosofia são as três maneiras como o cérebro enfrenta o caos e o recorta, o atravessa, o mede. As vias complementares, mas separadas de construção caótica, sendo o cérebro precisamente a junção (não a unidade ou síntese) das três vias. Como se disse, elas são o triplo aspecto sob o qual o cérebro se torna sujeito, as formas do Pensamento-cérebro, ou do espírito como Criação. Porque pensar e criar são o mesmo.³⁹

Ao criar os conceitos, a filosofia busca dar consistência ao caos, mantendo a velocidade infinita que é próprio dele, ou seja, “produzir uma consistência sem nada perder do infinito, atingir o Virtual como tal, uma consistência própria do virtual.”⁴⁰; assim, a filosofia busca o acontecimento: ela vai do atual ao virtual. A ciência, por outro lado, ao enfrentar o caos, não busca reter as velocidades infinitas caóticas; ela, ao contrário, renuncia às velocidades infinitas do caos na medida em que cria seu objeto próprio, isto é, as funções; assim, o enfrentamento ao caos executado pela ciência é no sentido de limitar suas velocidades infinitas, portanto, indo do virtual para o atual na medida em que as funções dizem respeito aos estados de coisas.

A arte, por sua vez, contra efêua o caos uma vez que seus objetos próprios de criação, os perceptos e afectos, percorrem tanto o caminho da filosofia quanto o caminho da ciência. A arte cria o atual com o intuito de libertar o virtual, “ao criar a obra de arte, o artista cria estados de coisas, não para actualizar ou efectivar uma virtualidade, mas para a contra-efectuar, para atingir e ir ao encontro do virtual, para tornar sensível a parte do acontecimento que não se atualiza”⁴¹. No livro de Guattari, publicado no mesmo ano em que chegava ao público *O que é a filosofia?*, o caos não se confunde com “a pura indiferenciação”, do caos pode ser dito: “uma trama ontológica específica [...] povoado de entidades virtuais e de modalidades de alteridade

³⁸ Ibid, p.247

³⁹ DIAS, Sousa. *Lógica do Acontecimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p. 43.

⁴⁰ Ibid, p.47

⁴¹ NABAIS, Catarina Pombo. *O pensamento como criação: Filosofia, Arte e Ciência. O desafio de Deleuze e Guattari*. Revista Portuguesa de Filosofia. Braga. Vol. 75. Fasc.4. p.2535-2558. 2019.

que não têm nada de universais”⁴²; atravessar o caos, portanto, é fazer experimentações heterogêneas que rompem com os planos de organização encarregados de subjetivar, assujeitar e estratificar, impedindo, assim, qualquer modo de singularização.

2.3. Ecos, deslizes, desvios e ressonâncias

Nota-se que ciência, arte e filosofia têm suas especificidades que dizem respeito às suas criações próprias. Contudo, ainda que cada disciplina pense e crie ao seu modo, há momentos nos quais há interferências, ecos entre um tipo de criação a outro, de modo que as atividades criadoras possam se encontrar. Isso ocorre na medida que, tratando-se das formas específicas de produção de pensamento, não há um primado de reflexão de uma forma de pensamento sob a outra, ou seja, não há um pensamento mais pensamento, um pensamento melhor, mais criativo, que se sobressaía em relação aos outros:

Assim, a filosofia, a arte e a ciência entram em relações de ressonância mútua e em relações de troca, mas a cada vez por razões intrínsecas. É em função de sua evolução própria que elas percutem uma na outra. Nesse sentido, é preciso considerar a filosofia, a arte e a ciência como espécies de linhas melódicas estrangeiras umas às outras e que não cessam de interferir entre si⁴³.

Essas interferências entre as disciplinas criadoras (ou formas de produção de pensamento) nos indicam que o pensamento filosófico necessita de um pensamento não-filosófico, tal como aponta Deleuze:

“[...] a filosofia tinha necessidade, não só de uma compreensão filosófica, por conceitos, mas de uma compreensão não filosófica, a que opera por perceptos e afectos. Ambas são necessárias. A filosofia está numa relação essencial e positiva com a não filosofia [...]”⁴⁴.

No limite, essa relação entre o filosófico e o não filosófico se dá em vias de “transformar em conceitos o exercício não conceitual do pensamento existente nesses outros domínios”⁴⁵.

⁴² GUATTARI, Félix. *Caosmose*, um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 95.

⁴³ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013b, p.160.

⁴⁴ *Ibid*, p.178.

⁴⁵ MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.194.

Ou seja, o projeto de Deleuze se vale quer do pensamento científico, quer do pensamento artístico para compor sua própria filosofia, “o projeto de incorporar o não filosófico ao pensamento filosófico”⁴⁶. Quanto a essa relação entre o pensamento filosófico e não filosófico, Sousa Dias afirma que

O fundamental, para Deleuze, está sempre aí, nesses cruzamentos, nessas interferências. Nas intersecções entre linhas de experiência independentes, em que conceitos da filosofia podem encontrar nas funções das ciências e nas combinações sensíveis das artes ou seus intercessores e servir, por sua vez, de intercessores às composições artísticas e às funções científicas. É uma necessidade de toda a criação filosófica e não filosófica, interceder e ser intercedida, intersectar e ser intersectada, relançar e ser relançada, estabelecer ressonâncias, capturas⁴⁷.

Deleuze, em 1987, quatro anos antes da publicação do *O que é a Filosofia?*, ao proferir uma palestra na FEMIS, ainda que com outro vocabulário, já esboçava seu interesse e preocupação em relação ao entrecruzamento do pensamento filosófico e o pensamento não filosófico. Tal palestra proferida por Deleuze, que posteriormente foi transcrita e publicada no livro *Dois Regimes de Loucos*, tinha, a princípio, uma questão: “o que faz com que um cineasta tenha verdadeiramente vontade de adaptar, por exemplo, um romance?”⁴⁸ Ou seja, a questão proposta por Deleuze está perguntando o seguinte: há momentos nos quais aquilo que é criação em literatura possa interferir, ressoar, ecoar, desviar naquilo que é criação em cinema? Se há, por que há?

A resposta oferecida pelo próprio Deleuze vem logo na linha que se segue: “parece-me evidente que isso se dá porque ele tem ideias em cinema que ressoam com o que o romance apresenta como ideias em romance. É aí que são feitos, com frequência, os grandes encontros”⁴⁹ O que podemos sublinhar a partir dessa questão proposta por Deleuze é o fato de que o filósofo

⁴⁶ Ibid, p.194.

⁴⁷ DIAS, Sousa. *Lógica do Acontecimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1995, p.27.

⁴⁸ DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos*. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 336

⁴⁹ Ibid, p.336

francês está insinuando as interferências, os ecos entre disciplinas criadoras. Então, percebe-se que Deleuze, mesmo antes de compor junto à Guattari o *O que é a Filosofia?*, já demonstrava “que a sorte do pensamento se decide em sua conexão [*rapport*] com exterioridade”⁵⁰

Nesse movimento de cruzamentos, interferências entre as formas de produção de pensamento, percebe-se que, na concepção deleuzo-guattariana, a filosofia não se faz enquanto um saber que tem um primado de reflexão sobre qualquer outro modo de saber. Ou seja, o interesse da filosofia não é e nunca foi refletir sobre algo, tal como aponta Roberto Machado:

quando sua filosofia se põe em relação intrínseca com saberes de outros domínios – com outros modos de expressão –, o objetivo não é fundá-los, justificá-los ou legitimá-los, mas estabelecer conexões ou ressonâncias de um domínio a outro a partir da questão central que orienta suas investigações: “o que significa pensar?”, “o que é ter uma ideia?” na filosofia, nas ciências, nas artes, na literatura⁵¹

Deleuze afirma que “O afecto, o percepto e o conceito são três potências inseparáveis, potências que vão da arte à filosofia e vice-versa”⁵². Com isso, podemos denotar que no pensamento de Deleuze e Guattari, naquilo que diz respeito à relação entre arte e filosofia, ainda que tais disciplinas criadoras tenham bem delimitado seus modos de criação, há ressonâncias, ecos, deslizos de uma forma de produção de pensamento à outra. Ou seja, os autores intentam que cada forma de produção de pensamento, quer seja a arte, a ciência ou a filosofia, tem suas especificidades, mas aquilo que elas criam acabam se cruzando.

Esses ecos, deslizos, ressonâncias de uma forma de produção de pensamento a outra se dão naquilo que os autores denominam de zona de vizinhança ou indiscernibilidade. Tal zona é como que o momento no qual torna-se indiscernível afirmar que tal criação é criação artística ou filosófica. São dobras que vão de um plano a outro: “A arte e a filosofia se codeterminam

⁵⁰ ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016, p.37 (grifos no original).

⁵¹ MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*.- Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p.12-13.

⁵² *Ibid*, p.175.

através de zonas de vizinhança que levam as suas entidades específicas de uma à outra. Não somente alianças são estabelecidas, mas bifurcações e substituições são produzidas”⁵³.

Assim, ainda que “a diferença entre os personagens conceituais e as figuras estéticas consista de início no seguinte: uns são potências de conceitos, os outros são potências de afectos e perceptos”⁵⁴, há momentos em que, devido às interferências de um modo de criação em outro, surgem conceitos de afecto (conceito de sensação), percepto de conceito, afecto de conceito (sensação de conceito), de modo que um personagem conceitual, intercessor da filosofia, pode povoar um plano de composição, ou, ainda assim, uma figura estética pode povoar um plano de imanência: “É que o conceito como tal pode ser conceito de afecto, tanto quanto o afecto, afecto de conceito. O plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro”⁵⁵.

Por fim, Deleuze e Guattari identificam dois modos de interferências entre os planos de composição e de imanência, logo, interferências que dizem respeito ao pensamento artístico e filosófico. A primeira interferência, que os autores chamam de “interferência extrínseca”, diz respeito ao momento no qual um filósofo busca criar o conceito de uma sensação, ou quando um literato busca criar uma sensação de conceito. O que importa nessa questão é o fato de que “cada disciplina permanece sobre seu próprio plano e utiliza seus elementos próprios”⁵⁶. O segundo tipo de interferência é a “interferência intrínseca”; esta ocorre na medida em que personagens conceituais e conceitos saem do plano de imanência que lhes é próprio para povoar, por exemplo, um plano de composição da arte; ou, ainda assim, quando uma figura estética ocupa um plano de imanência da filosofia. Deleuze e Guattari advertem que tais interferências, dobras, ecos ou ressonâncias— aqui, especificamente, dizendo respeito à arte e a

⁵³ PACHECO, Fernando Torres. *Personagens conceituais: Filosofia e Arte em Deleuze*. Belo Horizonte: Relicário, 2013, p.76.

⁵⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz.- São Paulo: Editora 34, 2010, p.80.

⁵⁵ *Ibid*, p.81.

⁵⁶ *Ibid*, p.256.

filosofia— que resultam em conceito de afecto ou afecto de conceito, não podem ser encaradas enquanto uma síntese artística-filosófica. Então, quando, por exemplo, romancistas criam afectos de conceito, ou conceito de perceptos, “[...] eles não fazem uma síntese de arte e de filosofia. Eles bifurcam e não param de bifurcar”⁵⁷.

⁵⁷ Ibid, p.82.

CONCLUSÃO

À título de conclusão, poderíamos dizer que o que Deleuze e Guattari nos mostram com a obra *O que é a Filosofia?* são como que instrumentos, ferramentas que dão a possibilidade de tirar o pensamento do sedentarismo, ou, ainda assim, arrancar o pensamento que visa somente o verdadeiro escondido em algum lugar transcendente que não pode nem deve habitar a imanência. São caminhos que nos fazem enxergar que não há qualquer limite para a criação, quer seja criação artística, criação filosófica ou criação científica, pois criar é, antes de tudo, o primeiro momento pelo qual o pensamento passa; mais precisamente, pensar e criar, como indicamos, é uma única e mesma coisa. Assim, só há pensamento, só há criação.

Se tudo é pensamento— logo criação— os ecos, deslizes ou ressonâncias entre os vários modos pelos quais podemos pensar indicam que algo tão nobre como ter uma ideia não deve estar enclausurado, preso em cela, fechado em si mesmo; ou seja, aquilo que abre linhas de fuga nunca será tão só, uno, rígido e imutável. As criações devem se encontrar, e se encontram, de fato. Nesse movimento de encontros e aberturas, de desvios e ressonâncias, as bordas da ciência podem estar sob a filosofia, ou, por outro lado, sopros de filosofia que passam e habitam a literatura, a ponto de, no agora mesmo, podermos nos perguntar para um futuro bastante próximo: uma filosofia riobaldiana?

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos*. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa, Ovídio de Abreu. – São Paulo: n-1 edições, 2018b.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Editora 34, 2022.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DIAS, Sousa. *Lógica do Acontecimento*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.
- GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose, um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- NABAIS, Catarina Pombo. *O pensamento como criação: Filosofia, Arte e Ciência. O desafio de Deleuze e Guattari*. Revista Portuguesa de Filosofia. Braga. Vol. 75. Fasc.4. p.2535-2558. 2019
- PACHECO, Fernando Torres. *Personagens conceituais: Filosofia e Arte em Deleuze*. Belo Horizonte: Relicário, 2013.
- SCHOPKE, REGINA. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.